

## φιληδής E OUTROS COMPOSTOS SIGMÁTICOS EM -ηδης (μελιηδής, θυμηδής, αὐθάδης)<sup>1</sup>

José Marcos Macedo  
(FFLCH/USP)

### ABSTRACT

First attested in Aristotle, the compound φιληδής may be a convenient starting point for a brief appraisal of older s-stem adjective compounds of the -ηδης type. As argued in this article, compounds in -ηδης may be interpreted as right-oriented compounds having either a nominal (μελιηδής) or a verbal head (θυμηδής, αὐθάδης). Those showing a verbal head, it is claimed, are best interpreted as derived from the aorist stem. The verbal character in such compounds seems to have been so clear in later times that, in a scholium to Pindar, φιληδής is not taken anymore as a verb-first compound (= “who is fond of pleasure”) but as a verb-second compound (= “who pleases easily”).  
Keywords: s-stem adjective compounds; compound derivation; compound orientation.

Compostos com φιλ(o)- como primeiro membro são comuns desde os estágios mais antigos da língua, o grego micênico (séc. XVI-XII a.C.) e o grego homérico (ca. séc. VIII a.C.). Trata-se originalmente de compostos possessivos (*bahuvrīhis*), ou seja, que apontam para uma entidade externa que possui a qualidade expressa no adjetivo. Alguns exemplos: *pi-ro-ka-te* (*Philokartēs* = *Philokratēs*) “a quem o poder é caro”; *pi-ro-pa-ta-ra* (*Philopatra*) “a quem seu pai é caro, querido”; φιλόξεινος “a quem o hóspede é caro”; φιλομμειδής “a quem o sorriso é caro (ou próprio)”; φιλοψευδής “a quem a mentira é cara (ou própria)”.

Em época posterior, compostos desse tipo foram reinterpretados como compostos de regência verbal<sup>2</sup>. Com isso, o primeiro membro passa a ser relacionado a um verbo – no caso, o verbo denominativo φιλέω “amar, gostar de”: φιλήρετμος é aquele “que gosta do remo, afeiçoado ao remo”; em Hesíodo, φιλοκυδής é aquele “que gosta da fama”; e o frequente φιλοπόλεμος “aquele a quem a guerra é cara” ou “que ama a guerra” (10 vezes na *Ilíada*, nunca na *Odisseia*) é prova clara de que, já em Homero, a interpretação verbal é corrente, pelo fato de existir o composto antonímico φυγοπόλεμος “que foge da guerra” (*Od.* 14.213), formado com base no verbo φυγεῖν “fugir”. A

<sup>1</sup> O autor agradece ao parecerista anônimo os comentários e as sugestões.

<sup>2</sup> Ver Chantraine (1968, s.v. φίλος) e Risch (1974, p. 193).

<sup>3</sup> Em Homero, φίλος expressa tanto um valor afetivo (= “amigo”) quanto um valor possessivo (= “seu”, “próprio”), sem implicar nenhuma relação de amizade. Segundo Benveniste (1969, pp. 337-353) nenhuma dessas duas acepções é a original; o termo não exprime valores pessoais, mas a relação do indivíduo com o grupo ao qual pertence. A relação de hospitalidade entre hóspede e estrangeiro (ambos designados por φίλος) estaria na base do uso homérico. *Philos*, para o autor, “enuncia o comportamento obrigatório de um membro da comunidade em relação ao *xénos*, ao ‘hóspede’ estrangeiro” (ibid. p. 341). Usos “afetivo” e “possessivo” explicam-se como transposições metafóricas secundárias.

É preciso ressaltar, porém, que o valor afetivo, caso de fato seja secundário, é extremamente antigo, como resta manifesto do nome próprio micênico Φιλοπάτρα (*pi-ro-pa-ta-ra*) “a quem o pai é caro, querido”. Nesse caso, qualquer interpretação que vise a situar o termo *philos* no horizonte mais amplo das relações sociais ou domésticas cairia na redundância: “a quem o pai é ligado por laços sociais ou de parentesco”? Mas mesmo que tal uso afetivo seja antigo, é pouco provável que seja arcaico, devido à dificuldade semântica de transitar do sentido afetivo ao sentido meramente possessivo.

O caminho inverso, da acepção possessiva à afetiva, talvez tenha sido trilhado por um adjetivo cujo sentido guarda notável semelhança com o grego *philos*. Refiro-me ao sânscrito védico *priyá-* “caro/querido, próprio” (cf. Scheller, 1959, e Mayrhofer, 1986-2000, pp. 189-90). O leque semântico do védico *priyá-*, derivado da raiz verbal que significa “ser caro a, íntimo de”, ou mais exatamente “revelar-se “amado”, no sentido de “próprio” ou “afim”) é análogo ao do homérico *philos* (sem etimologia assente). Num breve mapeamento para delimitar a aplicação possessiva de ambos os termos, verificamos que *priyá-* qualifica: a) nomes divinos; b) relações de parentesco; c) termos para “amigo”, “hóspede”, “pessoa amada”; d) o sacrifício, o canto, a prece, a oferenda; e) o corpo e suas partes (Scheller, ibid. pp. 1-23). *Philos*, por sua vez, tem contornos análogos, e qualifica (cf. Benveniste, ibid. p. 346), a) termos intimamente ligados à pessoa: alma, vida, coração, sopro; b) partes do corpo: joelhos, peito, pálpebras etc.; c) locais, fatos ou objetos tidos como caros: pátria, regresso (*nóstos*), dádivas, morada, roupas, leito; d) pessoas ligadas por parentesco (inclusive quando a interpretação afetiva está excluída, como na célebre passagem homérica na qual se relata a cólera que Meleagro nutre no coração por sua mãe Alceia, μητρὶ φίλῃ Ἀλθαίῃ χῳόμενος κῆρ (Il. 9.555).

Qual seria o denominador comum aos termos afins dessas duas tradições? Uma possível resposta seria o fato de expressarem, ambos, uma relação conferida pela natureza e/ou uma posse inalienável (para o grego, ver Rosén, 1959). Talvez o uso original possessivo de φίλος e *priyá-* vinculado a termos de parentesco tenha favorecido a interpretação “afetiva” dos adjetivos. Tal transição, se é lícito supô-la, remonta a eras muito antigas: já se completara em grego micênico e no sânscrito rigvédico. Vetor da mudança – de “próprio” a “querido” – obviamente não é único; nas línguas germânicas, o adjetivo original proto-indoeuropeu (\**priH-ó-*) que resultou no sânscrito *priyá-* deu origem a adjetivos que significam “livre”: gótico antigo *frei*, alto alemão antigo *frī*, inglês antigo *frēo*, inglês moderno *free* (Kluge/Seebold, 2002: s.v. *frei*). E assim também com o termo cognato galês *rhydd* “livre”. A acepção ainda está presente na expressão védica *priyá-nāman*, cognata o inglês antigo *frēo nama* “sobrenome, apelido”, que remonta ao período indoeuropeu comum (cf. Mayrhofer, ibid. ii.36). Obviamente, o termo sânscrito *priyá-* nada prova sobre φίλος, que não lhe é cognato; mas a evolução semântica dos dois vocábulos sugere talvez que a acepção original fosse a possessiva.

É lícito pensar que *philos* seja um termo radicado nas instituições mais antigas da sociedade, sendo aplicado reciprocamente tanto ao hóspede quanto a quem o hospeda; a relação de favor entre o dono da casa e seu hóspede, expressa pelo verbo φιλεῖν, seria extensível à relação entre deuses e homens, entre o senhor e sua família ou entre o mestre e seus inferiores. Mas talvez caiba notar que, na religião grega, os mortais buscam recriar a hospitalidade (*xenia*) vigente entre os humanos na relação que estabelecem com os deuses. Nela, os mortais é que são os hóspedes, e os deuses, aqueles a quem se hospeda (basta citar

partir do séc. V a.C., surgem por analogia os compostos em *mīso-* do verbo *μισεῖν* “odiar”, como por exemplo *μισόσοφος* “que odeia a sabedoria” (Pl. *Rep.* 456a), em oposição a *φιλόσοφος*<sup>3</sup>.

### φιληδής

Trata-se de um adjetivo atestado primeiro em Aristóteles, cabendo notar que o verbo dele derivado, *φιληδέω*, já se acha presente em Aristófanes (Pax 1130). O texto de Aristóteles diz o seguinte: *καὶ γὰρ τὸ ἡδὺ ἀγαθὸν τοῖς φιληδέσιν* “afinal o prazer é bom aos olhos daqueles a quem o prazer é caro/próprio” *ou* “daqueles que gostam do prazer” (*Ética a Nicômaco* 1157a33).

Duas interpretações são possíveis: se preferirmos traduzir o termo por ‘a quem o prazer é caro ou próprio’, subentendemos que se trata de um composto possessivo ou exocêntrico do tipo *λευκώλενος* “que tem braços brancos”, orientado à direita; caso se opte pela segunda alternativa, “que gostam do prazer”, deduz-se que seja um composto endocêntrico de regência verbal do tipo *φερέοικος* “que sustenta a casa”, orientado à esquerda.

Talvez caiba aqui explicitar os tipos gerais de compostos gregos<sup>4</sup>. Em primeiro lugar, os compostos podem ser endocêntricos ou exocêntricos: endocêntrico é o composto cujo sentido expressa um sub-conjunto do sentido de seu tópico (*ἀκρόπολις* é um tipo de *πόλις*); seu sentido pode ser parafraseado utilizando o verbo “ser”: “X é uma cidade que é alta”. Exocêntrico, por sua vez, é o composto cujo sentido não expressa um sub-conjunto do sentido de seu tópico, mas indica uma entidade externa (*λευκώλενος* não é um sub-conjunto do tópico “braço”, mas se refere a uma pessoa “com braço branco”); seu sentido pode ser parafraseado com o verbo “ter”: “X tem um braço branco”. Costuma-se aludir a esse tipo de composto pelo nome com que foi batizado pelos gramáticos indianos – *bahuvrīhi*, ele próprio um composto exocêntrico, cujo significado é “que tem muito arroz”.

Uma segunda distinção básica é saber se os compostos são orientados à direita ou à esquerda, de acordo com a posição de seu tópico. Compostos gregos, a exemplo dos compostos indoeuropeus em geral, costumam orientar-se à direita, isto é, o tópico tende a figurar à direita: *ἀκρόπολις*, *λευκώλενος*, *οἰκοφόρος*, *ἀνάξιος*; daqueles orientados à esquerda, uns são produtivos (*φερέοικος*, *ἔνδημος*), outros se circunscrevem a termos taxonômicos (*ἱπποπόταμος*) ou a compostos determinativos adjetivais (*ἄξιόλογος*).

o festival da *Teoxenia*). O verbo *φιλέω* “amar, estimar” é usado aqui originalmente apenas para indicar o sentimento que os deuses, ou seja, os hóspedes, acalentam pelos homens, e não o contrário. Só na *Ilíada*, veja os seguintes exemplos: *φιλεῖ δὲ ἐμῆτιετα Ζεὺς* (2.197); *ἀνὴρ ὃν τε Ζεὺς κῆρι φιλήσῃ* (9.117); *μάλα τοὺς γε φιλεῖ ἐκάεργος Ἀπόλλων* (16.94); *ἐφίληθεν ἐκ Διός* (2.668-9). O composto *θεοφιλής*, além do mais, significa de início exclusivamente “caro aos deuses”, em sentido passivo; só em épocas tardias assume também sentido ativo (= “que ama o deus”).

<sup>4</sup> Ver Tischler (1979, p. 857) e Tribulato (2007, p. 541 n.30).

Por fim, os compostos podem ainda ser divididos em determinativos, de regência verbal ou preposicionais. Determinativos são os compostos nos quais um dos membros delimita a abrangência do outro (ἀκρόπολις “cidade alta”, ἀνάξιος “indigno”, ἵπποπόταμος “cavalo do rio”, ἀξιόλογος “digno de menção”; os de regência verbal derivam de um verbo (οἰκοφόρος, φερέοικος etc.), ao passo que os preposicionais, obviamente, contêm uma preposição – situada sempre, vale notar, à testa do composto: ἔνδημος etc.

### μελιηδής

Compostos em -ηδης podem ter derivação nominal. Tomemos o exemplo de μελιηδής, atestado da *Ilíada* em diante. À primeira vista, parece que o adjetivo ἡδύς é a base direta da derivação, tal como sugere o LSJ. Risch adota uma posição ambígua: afirma primeiro que μελιηδής deriva de ἡδύς, embora mais adiante traduza o composto como “que tem a doçura do mel”, ou “doce como mel”<sup>5</sup>. Ou seja, admite a possibilidade de que se trate originalmente de um *bahuvrīhi*, com o substantivo ἦδος ‘doçura’ como segundo membro, posteriormente interpretado como um determinativo com segundo membro adjetival.

Depois que a “lei de Caland” foi amplamente aceita pela comunidade científica, tornou-se praxe afirmar que os sufixos adjetivais -υ- e -ρο- são simplesmente substituídos por -ης em composição, isto é, que compostos com neutros sigmáticos aos quais estão ligados adjetivos em -ύς e -ρός vinculam-se diretamente aos respectivos adjetivos (tipo πολυθαρσής “que tem muita coragem” deriva de θρασύς “corajoso”, e não de θάρσος “coragem”, ou ἐρικυδής “que tem muita fama” deriva de κυδρός “famoso”, e não de κύδος ‘coragem’).

Não vou entrar aqui em detalhes sobre o alcance da “lei de Caland”, que, como se sabe, surgiu para explicar certas peculiaridades da composição nominal no Avesta, mais tarde reconhecidas também no grego por Wackernagel, como por exemplo a substituição do sufixo \*-ro- de adjetivos simples pelo sufixo \*-i- em composição, do tipo κυδρός vs. κυδιάνειρα “que tem homens famosos”. Nem vou opinar sobre a questão até hoje em aberto de saber se tal lei remonta ao proto indo europeu ou se é, como querem outros, uma simples miragem.

Mas o fato é que a família do adjetivo ἡδύς insere-se claramente no “sistema de Caland”, como é evidente pela correspondência pontual entre o sânscrito *svādu-h* e o grego ἡδύς, entre *svādīyān* e ἡδίων, *svādiṣṭha-h* e ἡδιστος, *svādate* e ἡδεται, sendo a base direta para a criação do composto *prá-svādas-*, com segundo membro correlato ao grego -ηδης-.

Há dúvidas, porém, expressas sobretudo por Meissner<sup>6</sup>, a respeito de

<sup>5</sup> Risch (1974: 83, 186): “μελιηδής zu ἡδύς”; “μελιηδής ‘die Süße des Honigs habend’, ‘süß wie Honig’”.

<sup>6</sup> Meissner (2006: 182-6). O autor, aliás, chega a afirmar (ibid. 166) que os adjetivos de origem verbal constituem o grupo individual mais numeroso de adjetivos sigmáticos.

derivar adjetivos compostos em -ης diretamente de adjetivos em -υς. O grego possui poucos compostos determinativos adjetivais; trata-se quase sempre de univerbações ou justaposições, como por exemplo: ὀνομάκλυτος “famoso pelo nome” (< ὄνομα κλυτός)<sup>7</sup>; κορυθαίολος “com elmo reluzente” (< κόρυθ’ αἰόλος)<sup>8</sup>; πόδαργος “de pés ligeiros (ou brancos?)”: compare a frase κύνες πόδας ἄργοι (Il. 18.578). O mais próximo que temos de um sintagma que envolva as noções de “mel” e “doce” é μέλιτος γλυκίων ῥέεν αὐδή “sua voz fluía mais doce que o mel” (Il. 1.249). Possível é também que alguns desses compostos derivem de verbos, como οἰνοβαρής “cheio de vinho” < οἶνω βεβαρηώς (Od. 3.139, 19.122)<sup>9</sup>.

Além disso, em línguas indoeuropeias de atestação antiga, vigorava uma proscrição a compostos endocêntricos com adjetivos primários como segundo elemento<sup>10</sup>. O védico *pra-svādas-* “agradável” é de atestação relativamente tardia (livro 10 do Rig Veda, o último e o mais recente) e talvez aponte para um desenvolvimento interno ao sânscrito.

É provável, portanto, que compostos gregos não-deverbativos em -ης não derivem de adjetivos em -υς<sup>11</sup>, mas de substantivos neutros em -ος. μελιηδής deriva assim de ἦδος, mas pode ter sido sentido ao longo do tempo como derivado de ἦδύς (talvez por influência de ποδώκης, interpretado como derivado de ὠκύς pelo fato de \*ῶκος ter desaparecido precocemente). Na origem, portanto, trata-se de um *bahuvrīhi* orientado à direita, com o primeiro elemento nominal que determina (na condição de genitivo adnominal) o segundo elemento: “que tem a doçura do mel”.

### θυμηδής

Passemos agora a outro composto, θυμηδής “agradável”, atestado da *Odisseia* em diante. O LSJ sugere uma derivação de ἦδος; Risch<sup>12</sup> afirma que o correto é derivá-lo do verbo ἦδομαι. Não são poucos, mesmo na época arcaica, os adjetivos em -ης derivados de verbos, embora haja certa reticência dos estudiosos em não derivá-los de substantivos neutros sigmáticos, ainda quando não sejam atestados.

Meissner<sup>13</sup>, aponta para a estreita relação entre os compostos em -ης e formas verbais que lhe são correlatas, como (a) o aoristo em -ην (ἥμι-δαίς “semi-queimado”, derivado de ἐδάην “queimei, fui queimado”, não de δάος “tocha”; τηλε-φανής “visível de longe” < ἐφάνην “apareci” etc.); (b) verbos estativos em -ῆ- (> -έω -ησα): ἐναργής “evidente” etc.; (c) o perfeito (εὐπηγής

<sup>7</sup> Ver Tribulato (2006, p. 166).

<sup>8</sup> Em sua edição da *Ilíada*, M. L. West grafava κορυθαίολος, com acento no *o-micron*, e aduz no Prefácio: “*si κόρυθα accentum deposuit, αἰόλος retinuit, neque erat cur retraheret*”.

<sup>9</sup> Ver Tucker (1990, pp. 57-59) e argumentos contrários de Meissner (2006: 190).

<sup>10</sup> Hoenigswald (1977, p. 10).

<sup>11</sup> Meissner (2006, p. 186) é mais incisivo e nega categoricamente a derivação adjetival.

<sup>12</sup> Risch (1974, p. 83) “zu ἦδομαι, nicht direkt zu ἦδος”.

<sup>13</sup> Meissner (2006, pp. 186-97).

“bem-fixado” < πέπηγα, não de πήγνυμι). O sentido intransitivo, estativo ou passivo é preponderante, sendo excepcionais as formas ativas como θυμοδακής “que morde o coração”. No curso de seu argumento, Meissner<sup>14</sup> elabora uma lista de compostos deverbativos de temas sigmáticos em Homero, mas nela não inclui, a meu ver equivocadamente, o adjetivo θυμηδής.

Minha hipótese é que θυμηδής “agradável ao coração” deriva não de ἡδομαι “ter prazer em, alegrar-se com”, como quer Risch, mas do tema de aoristo ἄδειν “agradar”, mais plausível em termos semânticos. Há em grego uma repartição entre a forma média de presente da raiz \*s<sub>u</sub>éh<sub>2</sub>d- “tornar(-se) saboroso” e a forma ativa de aoristo: uma adota o significado de “tornar-se saboroso” → “ter prazer em”, enquanto a outra o significado de “tornar saboroso” → “agradar, convir”. As formas de aoristo εὔαδε, ἄδε (< \*s<sub>u</sub>éh<sub>2</sub>d-/suh<sub>2</sub>d-) partilham com as de presente nasal ἀνδάνω (< \*suh<sub>2</sub>-né/ŋ-d-) o sentido intransitivo “agradar”<sup>15</sup>, mas sempre mantêm a acepção ativa, que as aproxima do perfeito homérico ἐᾶδότα (μῦθον) “(palavra) agradável, que agrada” (Il. 9.137 = Od. 18.422)<sup>16</sup>. O uso do sintagma ἄδ- (ou do tema em nasal que lhe corresponde, ἀνδάνω) acrescido de um vocábulo para “coração” (vel. sim.) tem paralelos na dicção homérica: Ἀγαμέμνονι ἦνδανε θυμῷ “agradou ao coração de Agamêmnon” (Il. 1.24); ὦς γὰρ νύ τοι εὔαδε θυμῷ “já que agora lhe agrada ao coração” (Od. 16.28) – ambos em final de verso, preenchendo a diérese bucólica, o que sugere uso formular; εἴ σφωῖν κραδίη ἄδοι ἀμφοτέροισιν “se isto agrada ao coração deles dois” (Od. 20.327).

Em composição, palavras iniciadas por vogal costumam ser alongadas, como decorrência da *Dehnungsgesetz* de Wackernagel, do tipo αἰέρω : συνήορος. Portanto, θυμηδής resulta da junção de θυμ(ο)- + -ᾶδης. Possível é também que o adjetivo tenha sido modelado segundo θυμ-ᾶρης / θυμ-ήρης (com primeira vogal longa): o sentido é semelhante (“agradável”), e a posição no verso coincide (com sintagma verbal após a cesura pentemimera ou trocaica). Cf. ἄλις θυμηδέε ἔδωκεν (Od. 16.389) e σκίητρον θυμαρέε ἔδωκε (Od. 17.199). Notem que -ήρης tem provavelmente um sentido transitivo, como sugere a seguinte passagem homérica<sup>17</sup>: ἄρσαντες κατὰ θυμόν ‘que se adaptam a meu desejo’ (Il. 1.136).

Talvez não se deva descartar ainda a influência de μελιδής, que junto com θυμηδής compõem os dois únicos exemplos homéricos de adjetivos

<sup>14</sup> Ibid. pp. 192-3.

<sup>15</sup> Ver LIV, s.v. \*s<sub>u</sub>éh<sub>2</sub>d-. Em védico, o presente nasal ativo tem significado factitivo (s<sub>(u)</sub>vādanti “tornam saboroso”), em oposição ao presente temático médio svādate < \*s<sub>u</sub>éh<sub>2</sub>d-e- (RV 9.68.2). Mas cf. Gotō (1987, pp. 339-43), que considera svādate uma formação de ocasião (o comum é svāda-) e ἡδομαι (a seu ver uma forma que pressupõe um presente ativo-transitivo: “tornar algo saboroso/agradável para si”) uma possível formação secundária, criada sob influência de ἡδύς. Seja como for, é sintomático que a nova formação do aoristo sigmático médio ἦσατο “alegrou-se” seja construída a partir do presente temático.

<sup>16</sup> Ver *Scholia in Apollonium Rhodium* (72.12): θυμηδής χρησιμοσύνη ἢ τὸν θυμὸν εὐφραίνουσα χρεῖα “carência que alegra o coração”. O perfeito védico *suśūdīma* “tornamos saboroso” tem o mesmo significado ativo do presente nasal. Em latim, há o causativo *suādeō -ēre* “persuadir” ← \* “tornar saboroso”.

<sup>17</sup> Ver Bechtel (1964<sup>2</sup>.p. 169).

em -ηδής. Homero, aliás, utiliza o adjetivo para qualificar *thūmós*: μελιηδέα θυμὸν ἀπηύρα “privou-o da doçura da vida” (Il. 10.495), ao que o escoliasta (Eustácio) comenta: Θυμὸν δὲ μελιηδέα εἰρεῖν καὶ φίλον ἦτορ ὁμοίως ἔχει. καὶ ὄρα ὡς οὐ μόνον οἶνος μελιηδής καὶ πυρὸς μελιηδής, ἀλλ’ ἰδοὺ καὶ θυμός “É a mesma coisa dizer θυμὸν μελιηδέα e φίλον ἦτορ. Repare que não é só o vinho ou o trigo que é μελιηδής, mas também o θυμός”.

\*\* θῦμο-γηθής, que resultaria talvez num sentido ativo (ou transitivo) mais natural (“que alegra o coração”), está descartado pois resulta num inviável crético (qwq). Que o composto com -γηθής seria no caso uma possibilidade palpável é demonstrado pelo adjetivo πολυγηθής (Il. 21.450), cujo significado oscila entre “muito exultante” e “aquilo que torna feliz”. O respectivo verbo também se refere, em outras passagens, ao “coração”, com complemento acusativo: γεγίθει δὲ φρένα Νηλεὺς (Il. 11.683) e γηθήσειν κατὰ θυμόν (Il. 13.416). Sobre a afinidade entre -ηδής e -γηθής, basta lembrar do composto pindárico μελιγαθής ‘que agrada feito mel’ (fr. 198 b).

### αὐθάδης

Quanto a αὐθαῖδης “voluntarioso, auto-complacente”, atestado de Heródoto em diante, Chantraine é categórico ao afirmar que se trata de um “composto de αὐτός e do tema sigmático aparentado a ἀνδάνω ‘agradar’, ἄδος, que aliás é atestado somente no sentido de ‘decreto’”<sup>18</sup>. Suponho, ao contrário, que seja mais provavelmente um derivado verbal do tema de aoristo (ἀδεῖν), criado à semelhança de θυμηδής e θυμαρής / θυμήρης<sup>19</sup>. O sentido seria: “que agrada a si próprio”<sup>20</sup> – o θυμός seria tomado aqui como sede da individualidade, próximo em sentido ao pronome αὐτός. Se θυμός é cognato do latim *fūmus* e do sânscrito *dhūmá-* “fumaça” (ao que, aliás, Chantraine se opõe)<sup>21</sup>, talvez seja possível traçar um paralelo com a evolução semântica do sânscrito *ātman-* “sopro” nos compostos com *ātma-*, do tipo *ātma-dāna-* “dom de si próprio, auto-sacrifício”, tanto mais se *ātma-* estiver de fato ligado etimologicamente, como sugerem alguns, ao grego ἦτορ<sup>22</sup>.

Uma nota sobre a baritonese de αὐθαῖδης. Compostos sigmáticos podem, embora não necessariamente, levar o acento na raiz se tiverem uma vogal longa ou um ditongo:<sup>23</sup> no presente caso, a crase de -οα- resulta num -ᾱ- longo<sup>24</sup>. Isso não prova nada, é claro, sobre a origem verbal ou nominal

<sup>18</sup> Chantraine (1968, p. 138).

<sup>19</sup> A forma desmembrada seria αὐτο- + ἄδ-, com a contração de -οα- após a queda do digama intervocálico. Ver nota 24.

<sup>20</sup> Ver alemão moderno *selbstgefällig* “vaidoso, presunçoso”, de sentido e construção semelhantes.

<sup>21</sup> Ver *ibid.* s.v. θυμός.

<sup>22</sup> Ver Mayrhofer (1986-2000, p. i.164)

<sup>23</sup> Meissner (2006: pp. 199-201).

<sup>24</sup> Chantraine (1968, p. 138): “Il faut admettre pour expliquer l’α long de αὐθαῖδης que αὐτο-ᾱδης s’est contracté en attique suivant le type attique de la crase οα > ᾱ”.

do composto, que na origem, supõe-se, levava o acento respectivamente no sufixo (-ής) ou na raiz (-ης). Não se pode descartar, aqui também, uma possível influência de θυμήρης.

Há pelo menos um nome próprio que contém provavelmente -ηδης como segundo membro: Ληώδης “que agrada ao povo”. Meissner<sup>25</sup> hesita entre a derivação verbal (ἄδειν) e nominal (ἄδος). Inclino-me a uma derivação verbal, pela semelhança de formação com θυμήδης e αὐθάδης. Há um interessante adjetivo de significado próximo: ἡδύπολις “caro à cidade, ao povo” (Sófocles, *Édipo Rei* 510). Trata-se de um composto adjetival orientado à esquerda, do tipo ἰσόθεος “igual aos deuses” e ἀξιόλογος “digno de menção”. Tribulato (2007), a quem ἡδύπολις passa despercebido, chega a conclusões interessantes sobre tal tipo de composto, que possui contornos claramente definidos: (a) não existem compostos adjetivais que terminam em -ισος, -αξιος etc. e que têm um substantivo como primeiro membro (ou seja, orientados à direita); (b) a relação entre o primeiro membro adjetival e o segundo membro é de regência: o adjetivo rege um substantivo em determinado caso, que o complementa: ἄξιος + genitivo, ἴσος + dativo etc.

Curiosamente, ἡδύπολις comprova (b), mas não (a). Ou seja, é preciso o complemento de πόλις para que ἡδύς esteja semanticamente completo<sup>26</sup>, mas o adjetivo pode figurar também como segundo membro de composto (-ηδης). É razoável argumentar que ἡδυ- e -ηδης cumprem funções diversas: o primeiro atua como adjetivo, o segundo como substantivo ou verbo, caso se trate respectivamente de um composto possessivo ou determinativo, como vimos acima. Mais provável, porém, pelo seu próprio caráter excepcional, é que ἡδύπολις seja uma palavra de ocasião (*Augenblicksbildung*), criada nos moldes de ἰσόθεος, mas com simples inversão da orientação do composto: basta comparar os vários compostos orientados à direita do tipo ἡδυ-επίς “de voz doce”.

Além disso, compostos adjetivais determinativos não são muito numerosos em grego; os mais comuns são os preposicionais e os negativos, como é o caso de ἀηδής “desagradável”, de longe o adjetivo mais frequente da família.<sup>27</sup>

### (Outra vez) φιληδής

Para concluir, voltemos a φιληδής. O composto, como vimos pelo exemplo de Aristóteles acima, pode ser tomado tanto como possessivo quanto como determinativo; em ambos os casos, porém, -ηδής cumpre função nominal (tal como em μεληδής).

<sup>25</sup> Meissner (2006, p. 197): “< ἄδειν “please” (or in fact < ἄδος?)”.

<sup>26</sup> O escoliasta observa: ἤγουν ἡδύς τῆ πόλει.

<sup>27</sup> A palavra nos chegou até hoje para designar um inseto, o *Aedes aegypti*, que transmite a dengue. Outro desses artrópodes, o anófeles, transmissor da malária, possui nome que remonta à era micênica: *no-pe-re-a<sub>2</sub>* = νωφελέα “fora de uso”, grego alfabético ἀνωφελής “inútil”.



Mas -ηδης pode cumprir ainda função verbal, como em θυμηδής, αὐθάδης e Ληώδης. Por sinal, o elemento verbal terá sido tão presente a ponto de modificar a compreensão do composto pelo escoliasta, que interpreta o adjetivo como “fácil de agradar, que agrada facilmente” (*Scholia vetera in Pindarum*, Pi 2, 133b): ὅτι οὐ προσήκει σε κολακεύουσιν ἤδεσθαι. οἱ γὰρ τοιοῦτοι φιληδεῖς εἰσι παισὶ, τελείοις γε μὴν οὐκέτι “porque não te cabe deleitar-te com bajuladores; estes são fáceis de agradar às crianças, porém não mais aos adultos”.

Parece aqui que, ao contrário do exemplo de Aristóteles, o segundo elemento assume função de regência, como se derivado do tema verbal aoristo ἀδεῖν, e o primeiro (φιλο-) passa a equivaler a simples advérbio, ou seja, transforma-se em algo próximo de um hipotético \*\*εὐ-ηδής “fácil de agradar”.

#### REFERÊNCIAS

- BECHTEL, F. *Lexilogus zu Homer. Etymologie und Stammbildung homerischer Wörter*, Hildesheim, 1964<sup>2</sup> [1914].
- BENVENISTE, É. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, 2 vols., Paris, 1969.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*, Paris, 1968.
- GOTO, T. *Die “I. Präsensklasse” im Vedischen. Untersuchung der vollstufigen thematischen Wurzelpräsentia*, Viena, 1987.
- HOENIGSWALD, H. M. “Diminutives and Tatpurasas: the Indo-European trend towards endocentricity”, *Journal of Indo-European Studies* 5, pp. 9-13, 1977.
- KLUGE/SEEBOLD. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache. Bearbeitet von Elmar Seebold, 24. durchgesehene und erweiterte Auflage*, Berlin/Nova York, 2002.
- LIV – *Lexikon der indogermanischen Verben. Die Wurzeln und ihre Primärstammbildungen*, ed. H. Rix et al., 2ª edição, Wiesbaden, 2001.
- LSJ – *A Greek-English Lexicon*, edd. H. G. Liddell, R. Scott, H. S. Jones e R. McKenzie, Ninth Edition, Oxford, 1996.
- MAYRHOFER, M. *Etymologisches Wörterbuch des Altindoarischen*, 3 vols., Heidelberg, 1986-2000.
- MEISSNER, T. *S-Stem Nouns and Adjectives in Greek and Proto-Indo-European. A Diachronic Study in Word Formation*. Oxford, 2006.
- RISCH, E. *Wortbildung der homerischen Sprache*, Berlin/Nova York, 1974.
- ROSÉN, H. B. “Die Ausdrucksform für ‘veräußerlichen’ und ‘unveräußerlichen’ Besitz im Frühgriechischen: Das Funktionsfeld von homerischen φίλος”, *Lingua* 8, pp. 264-93, 1959.
- SHELLER, M. *Vedisch priyá- und die Wortsippe Frei, Freien, Freund. Eine bedeutungsgeschichtliche Studie*, Göttingen, 1959.
- TISCHLER, J. “Zu den syntaktischen Grundlagen der Nominalkomposition: Die Reihenfolge der Teilglieder”, in Brogyanyi, B. (ed.) *Studies in Diachronic, Synchronic, and Typological Linguistics – Festschrift for Oswald Szemerényi on the Occasion of his 65<sup>th</sup> Birthday*, vol. II, Amsterdã, pp. 853-68, 1979.
- TRIBULATO, O. “Homeric θυμολέων and the Question of Greek ‘Reversed Bahuvrīhis’”, *Oxford University Working Papers in Linguistics, Philology and Phonetics 11*, pp. 162-78, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Greek Compounds of the Type ἰσόθεος ‘Equal to a God’, ἀξιόλογος ‘Worthy of Note’, ἀπειρομάχας ‘Ignorant of War’, etc.”, *Mnemosyne* 60, pp. 527-49, 2007.
- TUCKER, E. F. *The Creation of Morphological Regularity: Early Greek Verbs in -έω, -άω, -όω, -ύω and -ῖω*, Göttingen, 1990.